



ESTUDO COMPARATIVO DO USO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE ALUNOS DA CIDADE DE SANTA JULIANA –MG

Dainara Aparecida Dias Carneiro (UFTM/MG)¹
dainaradias56@hotmail.com

Juliana Bertucci Barbosa (UFTM/MG)²
julianabertucci@gmail.com

RESUMO: Partindo de uma perspectiva variacionista, neste artigo, realizamos um estudo comparativo do emprego da concordância verbal em redações escolares de alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio da cidade de Santa Juliana, MG, Brasil. Tal fenômeno gramatical foi escolhido por se revelar um tema bastante valorizado nas salas de aula, principalmente, no que se refere à avaliação da produção textual dos alunos. Para a montagem do *corpus*, elaboramos duas propostas de redação e, partir delas, coletamos textos escritos por alunos de turmas do 6º ano e do 1º grau de uma escola estadual de Santa Juliana, MG. Acreditamos que tais discussões são necessárias, uma vez que fornecerão suportes teóricos e empíricos para que possamos compreender melhor o emprego da concordância verbal e como abordá-la no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVES: Variação Linguística; Concordância Verbal; Ensino; Comparação.

RESUMEN: A partir de una perspectiva variacionista, en este artículo, realizamos un estudio comparativo del empleo del acuerdo verbal en redacciones escolares de alumnos del inicio de la Enseñanza Fundamental II y Media. Este fenómeno gramatical fue escogido por revelarse un tema bastante valorado en aula, principalmente, en lo que se refiere a la evaluación de la producción textual de los alumnos. Para el montaje del *corpus*, producimos dos propuestas de redacción y, de ellas, recogemos textos escritos por alumnos de clases del 6º año y del 1º grado de una escuela estatal de Santa Juliana, MG. Creemos que tales discusiones son necesarias, ya que proporcionarán soportes teóricos y empíricos para que podamos comprender mejor el empleo del acuerdo verbal y cómo abordarla en el ambiente escolar.

PALABRAS-CLAVES: Variación Lingüística; Acuerdo Verbal; Enseñanza; Comparación.

1. Introdução³

A Sociolinguística, uma das subáreas da Linguística, tem como objeto de estudo a língua e a sua relação com o meio social. Como já afirmava Mollica (2005, p. 09-10),

¹ Graduada em Letras Português-Espanhol na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). dainaradias56@hotmail.com

² Professora Doutora de Língua Portuguesa e Linguística no curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). julianabertucci@gmail.com

³ Fomento CNPq (Edital Universal) e CNPq/PIBIC/UFTM.



a “heterogeneidade está presente na sociolinguística, pois todas as línguas apresentam formas distintas perpassando desde a fonética até em seu nível semântico” (MOLLICA, 2005, p. 09-10).

Essa variação linguística, segundo Mollica (2005, p. 11), “é um dos principais objetos de estudo considerado pela sociolinguística, a qual se dá por influência dos fatores estruturais e sociais” (MOLLICA, 2005, p.11). Um fenômeno variável é quando temos diversas formas de se dizer uma mesma coisa. Essas “diversas formas” (variantes) podem estar condicionadas por diferentes fatores, como o regional, o contexto, o grau de formalidade, a época em que o sujeito está inserido, a faixa etária, etc.

Um dos fenômenos já constatados por diversos linguistas (por exemplo, SCHERRE, 1988;1994; SCHERRE, NARO, 1998; SILVA, 2008; etc) como um fenômeno em variação no português brasileiro (PB) é a concordância verbal (CV). Podemos ter, no PB, a marca da desinência de plural e a ausência da marca como variantes para expressar a pluralidade, como em

(01) [...] eles comem demais da conta (variante explícita)⁴

(02) b. [...] eles come∅ demais da conta (variante zero).

Assim, com base na teoria variacionista laboviana (LABOV, 2008 [1972]), neste artigo, buscamos elementos que permitam ampliar as reflexões sobre o tema da CV no PB. Dessa forma, nosso objetivo foi realizar um estudo comparativo a partir de redações escolares produzidas por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II e do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Santa Juliana, MG. Cabe mencionar que Santa Juliana é um pequeno município brasileiro de Minas Gerais, com 13.165⁵

⁴ Exemplos criados para ilustração.

⁵Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=315770>. Acesso: 26 de maio de 2017.

habitantes (estimativa do IBGE no ano de 2016), em que há apenas uma escola estadual pública que atende cerca de 1.400 alunos em três turnos: matutino, vespertino e noturno.

2. A concordância verbal

O fenômeno morfossintático analisado neste artigo, a concordância verbal (CV), segundo Silva, constitui-se “um fato variável, isto é, a concordância pode ser formalmente marcada ou não em função de fatores de natureza linguística ou de caráter sociocultural” (SILVA, 2008, p. 32). Além disso, para Lima a CV é “uma variável tanto social quanto estilística” (LIMA, 2001, p. 98), ou seja, um mesmo falante, por exemplo, pode utilizar duas variantes (verbo com marcação da desinência e ausência da desinência de plural) em situações diferentes de uso (condicionado por um fator estilístico da língua).

Nesta seção, buscamos rever como o fenômeno da concordância verbal é abordado na perspectiva gramatical, nos estudos sociolinguísticos e nos materiais didáticos.

2.1. O fenômeno da concordância verbal sob a perspectiva gramatical e sociolinguística

Os gramáticos e os linguistas têm a língua como objeto de estudo, mas cada um tem seus preceitos e formações em relação a esse objeto. Assim, inicialmente, relembramos como a concordância verbal é abordada em algumas gramáticas normativas. Para isso, consultamos algumas gramáticas tradicionais, entre elas, a **Nova gramática do português contemporâneo**, de Celso Cunha e Lindley Cintra, e a **Moderna gramática portuguesa**, de Evanildo Bechara.

Cunha e Cintra (2008, p. 510) afirmam que o fenômeno da concordância verbal é “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, (...) havendo a variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 510) e

que a concordância “evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ela ajustadas” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 510). Os gramáticos ainda apresentam vários tipos de regras gerais, que o falante precisa saber, para auxiliar na forma “correta” de aplicação do fenômeno.

Bechara (2009, p. 543) define a concordância verbal ressaltando suas características morfossintáticas, afirmando que a CV é aquela “que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração” (BECHARA, 2009, p. 543). Além disso, tal autor, em sua gramática, descreve a concordância no português a partir de três tópicos gerais: (1º) concordância de palavra para palavra, podendo ser parcial ou total, “conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação” (BECHARA, 2009, p. 543); (2º) a concordância de verbo (a concordância verbal), realizada quando o sujeito simples é um nome ou um pronome, enfatizando que a ausência da CV, por uma questão estética “soa desagradável ao ouvido”; (3º) outros casos de concordância verbal, em que apresenta vinte e dois casos.

Como podemos observar, como ilustrado por meio das duas gramáticas citadas, tradicionalmente a CV é apresentada como um conjunto de regras fixas e a ausência da marca da CV é vista negativamente (como o próprio Bechara menciona, soa mal aos ouvidos). Por outro lado, muitos estudos sociolinguísticos têm amplamente descrito o funcionamento da CV no português brasileiro (por exemplo, os clássicos trabalhos de LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981; SCHERRE, 1988;1994, entre outros), apontando-o que ao contrário do português de Portugal, a CV no português vernacular do Brasil apresenta variação sistemática, exibindo variantes explícitas e variantes zero (∅) de plural em elementos verbais (e também nominais), conforme exemplos⁶ abaixo:

(03)

1) CONCORDÂNCIA VERBO/SUJEITO

... eles GANHAM demais da conta (variante explícita)

⁶ Exemplos extraídos de Scherre e Naro (1998, p.01).

... eles GANHAØ demais (variante zero).

(04)

2) CONCORDÂNCIA ENTRE OS ELEMENTOS DO SINTAGMA
NOMINAL

oS freguesES; aS boaS açÕES; essaS coisaS todaS (variantes explícitas)

essaS estradaS novaØ; doØ meuS paiS (variantes explícitas e variantes zero)

aS codornaØ; aS portaØ abertaØ (variantes explícitas e variantes zero)

(05)

3) CONCORDÂNCIA NOS PREDICATIVOS E PARTICÍPIOS PASSIVOS

... as coisas tão muito CARAS, né? ... (variante explícita)

... que as coisaØ táØ CARAØ, num dá mesmo ... (variante zero)

... os meus filhos foram AMAMENTADOS ... (variante explícita)

... os meus filhos foram ALFABETIZADOØ ... (variante zero).

Como podemos verificar nos exemplos dados por Scherre e Naro (1998, p. 01), a variação apresentada acima se configura como um caso de variação inerente. Os autores apontam ainda, em construções extraídas do banco de dados do Corpus Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), grupo de pesquisa sediado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, principalmente, três variáveis linguísticas para o entendimento da variação da CV: a saliência fônica, a posição, a escolarização dos usuários da língua.

Como nossa pesquisa foi realizada em textos escritos, citaremos aqui alguns resultados de outras pesquisas sobre a CV que também utilizaram como *corpus* o Português Brasileiro escrito, principalmente redações escolares. Cabe mencionar que



Scherre e Naro (1998, p. 12) já haviam reconhecido a presença da variação da CV em textos escritos.

Em pesquisa mais recente, Lima (2001), no trabalho intitulado “A variação da concordância verbal em textos escolares escritos”, analisou a CV em um *corpus* composto por redações de alunos de 8ª série de uma escola estadual de Assis, SP. O autor confirmou em seu estudo que: “um mesmo falante pode fazer uso alternando entre forma com e formas sem o emprego da concordância, ocasionalmente na mesma sentença e até com o mesmo verbo” (LIMA, 2001, p. 97). Ainda, aponta que: “a ocorrência dessas formas verbais não flexionadas em textos escritos caracteriza o chamado fenômeno de “marcas de oralidade na escrita”, ocasionado pela transferência direta de estruturas da fala para a expressão escrita” (LIMA, 2001, p. 97-98).

O *corpus* do pesquisador foi constituído de 301 ocorrências verbais em situação de variação sendo extraídas de 110 redações. O autor identificou 03 grupos de fatores que poderiam estar atuando no processo de variação da CV: a variável posicional (posição do sujeito), a variável sintática (sujeito composto e simples) e a variável morfológica (saliência fônica). Seguindo sua pesquisa, o autor após rodar os dados no programa VARBUL2 não considerou como significativo para a variação da CV o terceiro grupo, ou seja, a variável morfológica, mas sim os outros dois tipos.

Levando em consideração os outros dois grupos, o autor obteve como resultado para a variável posicional que a marcação da concordância está visível quando o sujeito está oculto ou imediatamente antes do verbo e a posição menos favorável é quando o sujeito está anteposto, porém distante do verbo (neste caso, havendo presença de material interveniente) como também quando o sujeito está sendo representado por pronome relativo e em casos em que o sujeito está posposto ao verbo. Quanto a variável sintática, Lima (2001) concluiu que quando há a presença do sujeito simples os alunos tendem a marcar a concordância e quando há mais de um sujeito na oração os alunos tendem a não marcação da concordância.

Em outro trabalho intitulado “Norma, Variação e Ensino: a concordância verbal”, Silva (2008) também investigou o emprego da CV em redações escolares. A

autora defende que: “A escola deve valorizar as peculiaridades linguístico-culturais de seus alunos, e qualquer atuação baseada em preconceito linguístico deve ser desqualificada. Por outro lado, tem a obrigação de garantir aos estudantes o acesso às variantes de prestígio (...)” (SILVA, 2008, p.31). O *corpus* de seu trabalho é constituído de 20 textos narrativos de alunos de séries de finais de ciclos, especificamente, oitava série atualmente nono ano e da segunda série do ensino médio de uma escola pública da cidade de Niterói. Contudo, foram selecionadas 235 estruturas do nono ano e 218 estruturas da segunda série do ensino médio, sendo estas formas verbais de terceira pessoa do plural. A autora observou que nos resultados quantitativos os alunos da oitava série não apresentaram dificuldades em relação ao uso das formas da variante padrão. Assim, empregaram as marcas de CV preconizadas pelas gramáticas normativas, mas a autora, ainda, argumenta que: “apesar dessa conformidade ao padrão na CV, grande parte dos textos analisadas apresentam dificuldades para leitura, pois manifestam uso precário dos sinais de pontuação e demonstram pouco conhecimento dos elementos de coesão lexical da parte de seus autores” (SILVA, 2008, p. 37).

Em relação aos alunos do 2º ano do E.M. Silva (2008) observou que eles também não tiveram dificuldades para empregar o uso da variante padrão, porém em relação às redações do E.M., verificou a escassez de vocabulário, a paragrafação do texto e o uso repetitivo de palavras para a designação dos seres e das coisas. Assim, tanto os alunos da oitava série quanto os alunos do segundo ano, a marcação de concordância tenha predominado em seus textos, houve outros pontos em que a autora observou e levantou opinião, sendo estes ligados também para uma boa produção textual e até mesmo enriquecimento do conhecimento do aluno.

Outro estudo que merece destaque é o de Motta (2011), que, em sua dissertação “O fenômeno variável da concordância verbal em redações da EJA: uma abordagem sociolinguística”, investigou o uso da CV em um *corpus* constituído por três porções distintas de redações de alunos integrantes do ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Ensino Fundamental e Ensino Médio das redes públicas e privadas em bairros da cidade do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, a autora teve como principal objetivo verificar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos promoveram para a

ausência ou a presença da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. De modo geral, a pesquisadora coletou um total de 259 dados do fenômeno variável da CV e dentre eles, 188 das ocorrências aplicam a regra da concordância verbal, ou seja, 72,5% dos casos. A autora ainda observou os fatores de natureza linguística que foram os que obtiveram maior influência na variação (MOTTA, 2011, p. 50). Dentre esses fatores, Motta (2011) destaca que o distanciamento ou posição (curto ou longo) do sujeito em relação ao verbo contribuiu de maneira significativa para a presença/ausência de concordância. Como também a variável saliência fônica, que contribuiu para a ausência do fenômeno, pois o material fônico não foi acentuado apresentando apenas traço de nasalidade como elemento diferenciador das variantes padrão/não-padrão.

Já Agostinho e Coelho (2015) realizaram um estudo sobre a “Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar”. Um dos objetivos das autoras foi o de analisar a variação da CV de 1ª pessoa do plural em textos escritos por alunos dos anos finais do ensino fundamental (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série) de duas escolas públicas municipais, sendo uma situada na área urbana e a outra em uma área rural da cidade de Itajaí/SC, tendo como foco principal as variáveis sociais. Por conseguinte, antes de começar a análise propriamente dita, as autoras já hipotetizam seus resultados, vejamos:

A escola é propagadora da norma-padrão, o que nos leva a acreditar que vamos encontrar maior frequência de uso da concordância verbal –mos com o sujeito nós, embora esse uso não deva ser categórico, por haver interferência da fala na escrita dos alunos. Nossa hipótese é de que, nesse caso, haverá mais ocorrências e marcação de concordância canônica (nós... –mos) do que de apagamento do –s (nós... –mo) e mais apagamento do que não marcação (nós... zero), por se tratar de ambiente escolar – onde geralmente os alunos “sofrem” pressão para escreverem “correto”. (AGOSTINHO; COELHO, 2015, p. 82)

Quanto às variáveis sociais selecionadas para análise, Agostinho e Coelho destacaram que “a escolaridade do aluno, a escolaridade dos pais e o tipo de escola” (AGOSTINHO e COELHO, 2015, p. 82). Tratando-se do *corpus*; as autoras coletaram produções textuais de duas turmas de cada série (5ª, 6ª, 7ª e 8ª) em cada escola selecionada, totalizando 16 turmas. Foram consideradas apenas as produções em que



havia caso de concordância de 1ª pessoa do plural, totalizando 334 textos e 1.364 ocorrências. Após rodar estas ocorrências no programa estatístico GOLDVARB, as autoras perceberam, de maneira geral, que há predominância do sujeito nós com –mos (82%) do que zero (15%)/–mo (3%) e mais sujeito a gente com zero (78%) do que com –mos (20%)/–mo (1%). Analisando cada variável social, as autoras também verificaram que, no que diz respeito à variável ‘escolaridade do aluno’, conforme maior o aumento da escolaridade, mais os alunos utilizam a forma padrão, vale ressaltar uma exceção em que a escola situada na zona rural, os alunos de 8ª série foram responsáveis pelas ocorrências de nós + zero, sendo todos os casos utilizados por meninas, portanto, nem sempre a escolaridade é um fator condicionador para a marcação da concordância, devemos assim, ir muito mais além em nossas pesquisas.

Já no que diz respeito à variável ‘escola’, os resultados mostraram que a situada na zona urbana (a mais privilegiada e menos carente) tende a combinar o sujeito nós + –mos/mo e a escola situada na zona rural (a menos privilegiada e mais carente) houve maior ocorrência da forma não padrão. Já quanto a ‘escolaridade dos pais’ perceberam que quanto maior for a escolaridade do pai ou responsável, mais aumenta a utilização da norma padrão pelos alunos, pois o desfavorecimento de “-mos” acontece quando os pais têm apenas ensino fundamental, ou seja, não possuindo ensino médio completo e nem curso superior. Ainda, as autoras acrescentaram à variável ‘gênero’ durante a análise dos dados e concluíram que as meninas favorecem a forma “-mos” enquanto os meninos desfavorecem esta forma padrão.

Dessa forma, partindo dessas discussões e dos resultados de pesquisas já realizadas, sobre a concordância verbal no PB, buscamos observar esse fenômeno variável – da concordância verbal – em redações escolares produzidas por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II e do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Santa Juliana, MG.

2.2. A concordância verbal no livro didático

Nesta seção do artigo, apresentamos a análise dos livros didáticos que os professores do sexto ano e do primeiro ano da escola de Santa Juliana, MG, utilizam com seus alunos. Nosso objetivo é identificar em que momento a concordância verbal é trabalhada com esses alunos e como ela é trabalhada a partir do livro didático (LD), pois sabemos que grande parte dos professores tem o LD como o único material para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa.

O livro trabalhado com os alunos do sexto ano é “Projeto Teláris: Português”, sendo uma coleção com quatro volumes que atendem os alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano; e o livro trabalhado com os alunos do primeiro colegial é “Novas palavras”, também uma coleção de três volumes que atendem os alunos de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

No que se refere à coleção destinada aos alunos do Ensino Fundamental II, percebemos que o fenômeno da CV é trabalhado apenas no 8º e 9º ano. No 8º ano é apenas uma visão superficial do assunto, pois é abordado, principalmente, noções de sujeito e de predicado, sendo pouco mencionada a concordância. Em relação ao LD do 9º ano, encontramos a discussão do emprego (lista de regras) da concordância nominal e da verbal. Em relação à concordância verbal, nesse LD é definida de forma semelhante ao que aparece nas gramáticas normativas: “concordância do verbo em número e pessoa com o sujeito a que se refere” (BORGATTO et. al., 2012, p. 224).

Observamos agora algumas das atividades apresentadas no LD, a respeito do fenômeno:

Figura 1 - Trecho do livro didático

1. Reescreva as frases, escolhendo a forma verbal que estabelece a concordância mais adequada entre o verbo e o sujeito. Se for necessário, consulte as regras estudadas.
- a) Nuvens escuras de chuva (apontava / apontavam) no horizonte.
 - b) Todos nós (esperava / esperávamos) uma resposta definitiva para o problema.
 - c) A decisão do juiz e dos bandeirinhas (revoltou / revoltaram) os jogadores.
 - d) O empenho dos políticos (poderia / poderiam) melhorar a situação do país.
 - e) Nem o melhor equipamento eletrônico (pode / podem) evitar falhas humanas.
 - f) Finalmente (chegou / chegaram) as férias de final de ano.
 - g) (Voltou / Voltaram) da excursão todos os alunos envolvidos na pesquisa.
 - h) O número de candidatos para o concurso (ultrapassou / ultrapassaram) as expectativas.

Extraído de: BORGATTO *et. al.*, 2012, p. 224.

Esse tipo de atividade, como o da Figura 1, é bastante comum nos livros didáticos. Uma atividade mecânica, em que os alunos apenas são levados a trabalhar morfologia da língua (desinência de número), desvinculado do sentido. Após essa atividade, o aluno é questionado:

Figura 2 – Trecho do livro didático

2. Explique: o que foi necessário observar para fazer a concordância verbal das frases da atividade anterior?

Extraído de: BORGATTO *et. al.*, 2012, p. 224.

Essa segunda atividade é um pouco mais reflexiva, pois o aluno teria que explicar a relação “singular/plural”. Entretanto, a discussão é conduzida no livro de tal forma que o professor apenas deve evidenciar que as frases da atividade 1 (Figura 1) seguiram a regra geral da CV: sujeito concordou com o verbo.

Na terceira atividade, percebemos que segue o mesmo modelo da primeira, apenas aparece com uma maneira de enunciar diferente, vejamos:

Figura 3 – Trecho do livro didático

3. Reescreva as frases com a forma verbal que concorda adequadamente com seu sujeito.
- a) Pedidos dos amigos, apelos dos parentes, nada o (convencia/ convenciam) a desistir da arriscada disputa.
 - b) Paulo, Eduardo, Camila e eu (formo/ formam/ formamos) o time principal de vôlei.
 - c) Frio, chuva, um tempo muito adverso (atrapalhava/ atrapalhavam) a escalada da montanha.
 - d) Pressão da população, notícias na mídia e forte oposição, tudo (levou/ levaram) o governo a acatar o referendo.
 - e) Casas de alvenaria, comportas e pontes (foi arrastada/ foram arrastadas) pelas águas e pelos ventos.
 - f) Com a passagem do furacão (foi dizimada/ foram dizimados) a cidade, os pastos e os reservatórios de água.
 - g) Com a passagem do furacão (foi dizimada/ foram dizimados) os pastos, a cidade e os reservatórios de água.

Extraído de: BORGATTO et. al., 2012, p. 224.

O principal objetivo de tal atividade é fazer com que os alunos fixem que a concordância é quando o sujeito concorda em número e pessoa com seu verbo. São atividades que cobram do aluno a retomada da matéria e, além disso, não os beneficiam como uma reflexão além da gramática normativa, por exemplo, uma reflexão sociolinguística.

Quanto à coleção destinada aos alunos do Ensino Médio, percebemos que a CV é trabalhada somente no LD do 3º ano. Novamente temos uma definição semelhante as presentes nas gramáticas normativas: “Concordância verbal é o princípio sintático de acordo com o qual o verbo deve ser flexionado para se ajustar ao sujeito da oração” (AMARAL *et.al.*, 2013, p. 247). Em seguida, assim como o livro do Ensino

Fundamental II, os autores apresentam uma série de regras que os aprendizes devem “decorar” para fazer o uso da concordância verbal de maneira “correta”, tais regras nos remetem às regras impostas pela gramática normativa. Vejamos a seguinte atividade:

Figura 4 – Trecho do livro didático

1. Leia este trecho do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e considere o verbo destacado entre colchetes:

Meses depois fui para o seminário São José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, [somar] mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez [...].

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 861.

Relativamente à(s) possibilidade(s) de flexão do verbo “somar” nesse contexto, identifique a afirmação correta:

- a) Somente a forma “somarei” pode ser empregada, pois concorda com o sujeito elíptico “eu” e estabelece correlação temporal adequada com “pudesse contar”.
- b) Somente a forma “somaria” pode ser empregada, pois ela concorda com o sujeito elíptico “eu”, além disso, estabelece correlação temporal adequada com a forma “pudesse contar”.
- c) Apenas a forma “somariam” pode ser usada, uma vez que concorda com o sujeito elíptico “elas” e estabelece correlação temporal adequada.
- d) A forma “somarão” estaria adequada quanto à concordância verbal e também quanto à correlação temporal.
- e) Pode-se empregar tanto a forma “somaria” quanto a forma “somariam”.

Extraído de: AMARAL *et.al.*, 2013, p. 247.

Como podemos evidenciar, é uma atividade (Figura 4) de múltipla escolha, e, para identificar a resposta “correta”, o aluno deve saber identificar o sujeito e relembrar a regra que decorou (sujeito concorda com verbo). Uma abordagem semelhante a que já foi realizada no 9º ano, não havendo, novamente, nenhuma reflexão acerca da variação ou do emprego da CV. Vejamos outra atividade:

Figura 5: Trecho do livro didático

2. Reescreva as frases a seguir, identificando o núcleo do sujeito e completando cada lacuna com uma das formas verbais sugeridas, de maneira a adequar a concordância à variedade padrão do idioma.
- a) O sucesso de atletas muito jovens como jogadores profissionais de grandes times quase sempre os ■ em pessoas vaidosas. (transforma — transformam)
 - b) Não ■ parte do plano de nenhum dos integrantes da expedição as terríveis dificuldades enfrentadas logo no início da longa viagem. (fazia — faziam)
 - c) ■ seis horas o relógio, quando ■, nos tanques de produtos químicos da fábrica, uma série de violentas explosões. (dava — davam; começou — começaram).
 - d) Só um pequeno número de analistas políticos ■ os obstáculos que ■ ao fracasso o plano de paz para aquela conturbada região do mundo. (previu — previram; levaria — levariam)

Extraído de: AMARAL *et.al.*, 2013, p. 247.

Nesta segunda atividade, percebemos que os autores seguem o mesmo modelo das atividades que foram abordadas no livro do Ensino Fundamental II, em que o aluno deve reescrever a frase e selecionar a melhor conjugação para concordar com o sujeito. O que acaba levando o aluno a reproduzir apenas as regras que foram apresentadas. Assim, concluímos que esta coleção de LD, ao trabalhar com a CV, acaba atingindo o mesmo objetivo da coleção anteriormente mencionada, que é o de fazer os alunos “decorarem” a regra da concordância verbal. Não há discussões sobre os usos da CV no PB ou atividades que levem os alunos a refletirem sobre a própria língua.

Traçando uma comparação entre os dois livros analisados, no que diz respeito ao fenômeno da concordância verbal, fazemos das palavras de Lima e Alves (2012, p. 03) nossas palavras: “Com esse ensino direcionado ao tradicionalismo do ensino “regrado”, é que podemos identificar que o aluno passa a compreender que existe apenas uma forma aceita na sociedade, aquela imposta pelo professor na sala de aula”. Além disso, acrescentamos uma argumentação dos mesmos autores:

(...) a variação linguística no livro didático sofre um grande preconceito por parte de alguns professores e pais que indagam que o ensino de língua materna deve ser pautado no “falar certo” e ou no “falar bem”, e que as variações linguísticas – estigmatizadas, vale



ressaltar – estariam levando o aluno a “falar errado/feio” e que o dever do aluno em está na escola é simplesmente aprender a falar as palavras de maneira “correta” (LIMA,; ALVES, , 2012, p.04).

Portanto, o dever do professor é tentar “fugir” um pouco deste ensino “regrado” e passar a mostrar a seus alunos as diferentes formas de uso da CV, desconstruindo o preconceito linguístico, que, muitas das vezes, vêm sendo construído desde a infância do aluno, ao observar o que os próprios pais falam a respeito da língua de uma pessoa que não tem escolaridade completa, por exemplo. Além disso, o professor deve ter plena consciência de que o LD é apenas um dos suportes e a partir das concepções que traz este tipo material, o professor pode juntar com outras concepções e mostrar aos alunos diferentes visões a respeito da língua portuguesa, e mencionar que esta se encontra em constante transformação a cada dia que passa.

3. Procedimentos Metodológicos e *Corpus*

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a concordância verbal, com isso foram revisitadas gramáticas de cunho normativo, como a de Cunha e Cintra (2008) e a de Bechara (2009) e trabalhos sociolinguísticos sobre o fenômeno em questão. Também realizamos análise dos LD utilizados pelos professores na escola parceira da pesquisa. Por conseguinte, montamos um *corpus* constituído por redações coletadas de estudantes, contudo levaremos duas propostas para estes alunos, sendo uma para o sexto ano do ensino fundamental II e a outra para o primeiro ano do ensino médio, de uma escola pública, da cidade de Santa Juliana-MG.

Sabemos que a metodologia tem um papel primordial dentro do modelo teórico da sociolinguística quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Ela é composta de vários estágios, dentre os quais se destacam:

- i. seleção de informantes (nesta pesquisa, as redações dos participantes da pesquisa);
- ii. identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;

- iii. processamento dos números, visto que se trata de uma análise estatística;
- iv. interpretação dos resultados, analisando os possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre outra.

A seleção de informantes envolve decisões de extrema importância na sociolinguística variacionista. Para que todas as hipóteses formuladas possam ser testadas com exatidão, há que se fazer um recorte representativo da comunidade em estudo, assim, selecionaremos os alunos que residem a dez ou a mais de dez anos na cidade de Santa Juliana-MG. Contudo, foi realizada uma reunião com o professor de sala de aula dos alunos de sexto ano e primeiro colegial. Depois, houve um retorno à escola com a entrega do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)” a todos os alunos para a autorização dos pais ou responsáveis, pois havia alunos que eram menores de idade. Em seguida, houve novamente um retorno à escola para recolhimento dos termos assinados pelos responsáveis legais, aplicação e recolhimento das redações.

Na tabela abaixo, encontramos de forma detalhada e de modo quantitativo a relação de redações coletadas e a quantidade utilizada:

Tabela 1 – Número de redações coletadas e as escolaridades

CORPUS	REDAÇÕES COLETADAS COM RESIDENTES HÁ MENOS DE DEZ ANOS⁷	REDAÇÕES COLETADAS SEM TERMOS⁸	REDAÇÕES ANALISADAS⁹	TOTAL
SEXTO ANO ENSINO FUNDAMENTAL II	31	96	39	166
PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	21	43	49	113
TOTAL	52	139	88	279

Extraído de: Própria autoras.

⁷ Dentre um total de 279 redações foram coletadas 52 redações de residentes a menos de dez anos, sendo estas com ou sem TCLE.

⁸ Dentre um total de 279 redações foram coletadas 139 redações sem TCLE.

⁹ Dentre um total de 279 redações foram coletadas 88 para nossa análise, sendo estas selecionadas de acordo com os nossos procedimentos para a análise.

Para a análise quantitativa, utilizamos o programa GOLDVARB 2001, uma versão para ambiente Windows do pacote de programas Varbrul - do inglês *Variable Rules Analysis*. Esse pacote “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturada para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.105).

Os grupos de fatores analisados foram:

(A) **variável dependente**¹⁰: presença vs. ausência de concordância verbal (CV).

(B) **variáveis independentes**: fatores linguísticos (estruturais) e sociais (extralinguísticos) investigados:

- **Sexo**: algumas pesquisas apontam que a variante explícita é mais empregada por pessoas com maior grau de escolarização e as do sexo feminino (SCHERRE; NARO, 1998). Por isso, analisamos a presença ou não de marcação de concordância na escrita de alunos do sexo masculino e feminino.

- **Argumentatividade do verbo**: analisamos se a estrutura argumental do verbo (necessidade de complemento verbal ou não) está associada a presença ou ausência de marcação CV. Avaliamos se os verbos principais (plenos) possuíam argumentos externos, internos, externos e internos ou eram avalentes (sem argumentos).

- **Material interveniente (entre o núcleo o sujeito e o verbo)**: analisamos a

¹⁰Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente, segundo Lucchesi e Araújo (2007), é o fenômeno que se pretende estudar; por exemplo, *a aplicação da regra de concordância nominal*, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as *variáveis explanatórias ou independentes*.

presença ou ausência de uma estrutura linguística (material interveniente) entre o núcleo do sujeito e o verbo. Segundo Monguilhott (2001), a presença de material interveniente nas redações utilizadas como *corpus* para sua pesquisa foi baixa – somente 3 (três) informantes fizeram uso –, entretanto este grupo de fator pode influenciar na marcação ou não da concordância verbal. Temos alguns exemplos:

(06) e derrotaremos todas as pessoas más que existem nesse mundo. [I12, M, 10, E.F.II]

(07) os costumes aqui da roça sempre nos fizeram bem, brincávamos de cobra-cega, pique-esconde, casinha, boneca e até bolinho de barro nós fazíamos. [I06, F, 14, E.M.]

- **Posição do sujeito:** analisamos a posição do sujeito em relação ao verbo: antes do verbo (anteposto), após o verbo (posposto) ou ausência de sujeito. Muitos pesquisadores (cf., por exemplo, NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981, SCHERRE, NARO, 1998, etc) já haviam apontado que a presença do sujeito e a sua posição em relação ao verbo têm forte influência no tipo de escolha das variantes.

- **Saliência Fônica:** estabelecemos dois níveis de saliência, que refletem a diferenciação material fônica da relação singular/plural: saliência do tipo A: (quando ocorre maior saliência fônica, como em “são/é”) e do tipo B (quando ocorre menor saliência fônica, como em fazem/faz). Muitos estudos têm evidenciado que o aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural dos verbos analisados aumenta as chances de concordância verbal (cf. LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; etc), ou seja, aumenta as chances da presença da variante explícita de plural.

A fase final da análise variacionista consistiu na interpretação qualitativa dos resultados numéricos (dos gráficos e tabelas), buscando não só identificar e explicar os

fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes para a não realização da CV em sentenças com pronomes pluralizados (nós, vós/vocês, eles/elas), mas também comparar os resultados com as definições já existentes sobre CV.

4. Análise comparativa dos dados

Após a montagem do *corpus* descrita na seção anterior deste artigo, coletamos um total de 279 redações, contudo utilizamos apenas 88, pois as demais não preenchem os critérios para seleção. Por conseguinte, selecionamos os casos de ausência e presença da marca de concordância verbal em sentenças presentes nas redações. Chegamos há um total de 584 ocorrências, assim distribuídas:

Tabela 2- Ausência vs. Presença de marca de Concordância Verbal

↓ Variáveis dependentes da CV	6º Ano do EF II (39 redações)		1º Ano do EM (49 redações)	
	Nº ocorrências	%	Nº ocorrências	%
Presença de Concordância Verbal	186	83%	300	83%
Ausência de Concordância Verbal	38	17%	60	17%
TOTAL	224	100%	360	100%

Extraída de: Própria autoras

Como podemos observar na Tabela 2 em nosso *corpus* houve a predominância da marcação da concordância verbal nos textos escritos pelos alunos tanto do sexto ano quanto no primeiro colegial da escola na cidade de Santa Juliana, MG. Esse resultado confirma a hipótese de Agostinho e Coelho (2015), como já destacamos anteriormente na subseção 2.1, que a escola contribui na divulgação da norma padrão, e, por isso, encontramos maior frequência de uso da concordância verbal. Cabe lembrar ainda que as redações foram escritas na escola, local onde, como também já ressaltaram Agostinho e Coelho (2015), os alunos sentem a pressão para escreverem “correto”.

Outra constatação possível ao analisarmos esses primeiros dados, é que a escolaridade não se mostrou um fator relevante para o emprego da CV. Nossa hipótese era que os alunos do primeiro ano do Ensino Médio apresentassem uma frequência maior de presença da CV do que os alunos do sexto ano. Assim, esse resultado difere sutilmente de outras pesquisas na área, que apontavam que quanto mais escolarizados, maior a ocorrência de CV. Para exemplificar os resultados trazemos algumas ocorrências:

(08) **Podemos conhecer** o mundo juntos [I03, F, 10, E.F.II]

(09) Ver como **eles estão** e tudo mais. [I04, M, 14, E.M.]

Em (08) o verbo aparece com a marcação de plural “-mos”, e o seu sujeito se encontra implícito, mas a partir do verbo percebemos que há mais de uma pessoa inserida no contexto. Já em (09), o verbo aparece com a marcação de plural e de futuro “-ão”, e está concordando com o seu sujeito “eles”. Assim, as duas ocorrências marcam a presença de CV. Como argumenta o Coelho (2015, p. 4):

Grau de escolaridade, por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente vamos”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai” (COELHO, 2015, p. 4).

Após essa análise geral dos dados, com o auxílio do Programa estatístico GOLDVARB, verificamos quais fatores influenciam nos resultados descritos na Tabela 2. Analisando fator extralinguístico o gênero, obtivemos:

Tabela 3 – Concordância verbal vs. Sexo

Leitura Vertical da Tabela	6º Ano do EF II		1º Ano do EM	
	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal
Gênero	Nº ocorrências / %			
Masculino	80 / 43 %	21 / 55%	136 / 45%	36 / 60%
Feminino	106 / 57%	17 / 45%	164 / 55%	24 / 40%
TOTAL	186 / 100%	38 / 100%	300 / 100%	60 / 100%

Extraída de: Própria autoras

Como apresentado na Tabela 3, podemos perceber que tanto o sexo masculino quanto o sexo feminino, nas diferentes escolaridades, marcam ou não o fenômeno da concordância verbal. Sutilmente, na Tabela 3, verificamos que a marcação da CV ocorre mais em pessoas do sexo feminino: 57% de CV em meninas do sexto ano e 55% no primeiro ano do ensino médio. Como afirma Paiva (2015, p. 34):

(...) significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente (PAIVA, 2015, p. 34).

Com isso, o sexo feminino, na maioria das pesquisas, demonstra, neste caso, concordar o sujeito e o verbo da oração, como nos apontam os resultados, mas a não marcação nos demonstra claramente que o gênero feminino, também, utiliza as variantes linguísticas prestigiadas socialmente, embora não haja tantos “erros” de

concordância em relação ao gênero masculino, portanto, fazendo uma comparação podemos reflexionar que nas duas escolaridades é o gênero feminino quem predomina na utilização da CV, e o gênero masculino tende a utilizar a não marcação do fenômeno. Assim, na primeira instância, este fator extralinguístico nos pareceu ter sido determinante para a marcação de concordância.

Além do fator extralinguístico, analisamos quatro fatores linguísticos: (a) argumentos do verbo; (b) material interveniente; (c) posição do sujeito em relação ao verbo: o sujeito pode estar posicionado de duas maneiras em uma oração – anteposto imediatamente ao verbo ou posposto ao verbo e; (d) saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural. Em relação ao grupo (a), observamos o seguinte resultado:

Tabela 4 – Concordância verbal vs. Argumentatividade do verbo

Leitura Vertical da Tabela	6º Ano do EF II		1º Ano do EM	
	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal
Quantidade de argumentos do verbo	Nº ocorrências / %			
Argumento só externo preenchido	02 / 2%	02 / 5%	16 / 5%	02 / 3%
Argumento só interno preenchido	94 / 50%	–	198 / 66%	–
Argumento externo e interno preenchido	90 / 48%	36 / 95%	85 / 28%	58 / 97%
Sem argumento (avalante)	–	–	01 / 1%	–
TOTAL	186 / 100%	38 / 100%	300 / 100%	60 / 100%

Extraída de: Própria autoras

Na Tabela 4, podemos perceber que para a presença de concordância verbal, entre os diferentes tipos de argumentos verbais predominou-se o argumento interno, ou seja, a relação entre verbo-predicado (totalizando 50% das ocorrências), no caso do sexto ano do ensino fundamental II. Em relação ao primeiro ano do ensino médio, percebemos também a predominância do argumento interno preenchido auxiliando, assim, na marca de CV (totalizando 66% das ocorrências). Também, percebemos que tanto os alunos do sexto ano do ensino fundamental II quanto os alunos do primeiro ano do ensino médio, também concordam o verbo com o seu sujeito quando se tem argumento externo e interno preenchido, ou seja, sujeito-verbo-predicado (totalizando 48% das ocorrências do sexto ano e 28% das ocorrências do primeiro ano). No caso da ausência de concordância verbal, os dados revelam que os argumentos externo e interno também auxiliaram para este tipo de variação (totalizando 95% das ocorrências do sexto ano e 97% das ocorrências do primeiro ano).

Observamos os exemplos a seguir:

(10) trás bastante roupa viu, porque **nois vai sai** bastante [I07, F, 14, E.M.]

(11) **os sete años pode** nos ajudar? [I15, M, 11, E.F.II]

Todos os exemplos extraídos acima são de ausência de concordância. Em (10) o verbo aparece com a marcação de um futuro próximo e conjugado na terceira pessoa do singular, mas o informante o “concorda” com a primeira do plural, sendo assim, temos (nós... zero). No exemplo (11) temos o mesmo acontecimento, o verbo se encontra no presente e conjugado na terceira pessoa do singular e o informante o “concorda” com a terceira do plural. Portanto, podemos perceber nas ocorrências a presença de um sujeito, de um verbo e de um predicado, além disso, estas ocorrências são vistas, principalmente, no momento de fala do informante, mas já se encontram presente na escrita dos mesmos.

Observamos agora alguns exemplos da marcação do fenômeno em que encontramos argumentos internos:

(12) para **onde iremos** a não importa com você vo ate aonde você quiser [I27, F, 11, E.F.II]

(13) **estamos pensando** em alugar um ônibus para levar toda a família [I44, M, 15, E.M.]

Em (12) o verbo aparece conjugado na primeira pessoa do plural com marcação de futuro. Percebemos, também, que a marcação do sujeito encontra implícita e mesmo assim o informante não deixou de utilizar a variedade padrão. No exemplo (13), também não há a presença de um sujeito, mas temos um verbo seguido de seu predicado, o que encontra na primeira pessoa do plural indicando uma ação que ainda irá acontecer. Como foi possível perceber, a argumentatividade do verbo não foi um fator condicionante para a marcação da CV, pois os alunos utilizam os variados tipos para se expressarem.

Um outro fator linguístico que influenciou na marcação ou não marcação da concordância verbal foi o Material Interveniente, como podemos visualizar na tabela abaixo:

Tabela 5 – Concordância Verbal vs. Material Interveniente

Leitura Vertical da Tabela	6º Ano do EF II		1º Ano do EM	
	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal
Material Interveniente (sujeito- verbo)				

	Nº ocorrências / %			
Presença de material interveniente	14 / 7%	06 / 16%	20 / 7%	10 / 17%
Ausência de material interveniente	172 / 93%	32 / 84%	280 / 93%	50 / 83%
TOTAL	186 / 100%	38 / 100%	300 / 100%	60 / 100%

Extraída de: Própria autoras

Na tabela 5, podemos observar que predomina a ausência de material interveniente em relação a marcação da concordância verbal (93% das ocorrências nos dois anos escolares), ou seja, não houve nenhum outro léxico entre o sujeito e o verbo. Portanto, diferente de algumas pesquisas, a presença de material interveniente não condicionou a ausência de marcação da CV, pois nos dois anos escolares analisados, houve mais presença de material interveniente, 14 ocorrências no sexto ano e 20 ocorrências no primeiro colegial, nos casos em que encontramos a CV.

Outro fator linguístico analisado foi a posição do sujeito em relação ao verbo, que pode influenciar na marcação da CV:

Tabela 6 – Concordância Verbal vs. Posição do sujeito

Leitura Vertical da Tabela	6º Ano do EF II		1º Ano do EM	
	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal
Posição do sujeito (ordem dos constituintes)				
	Nº ocorrências / %			
Sujeito + verbo	91 / 48%	37 / 97%	94 / 31%	57 / 95%



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
 Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
 ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 25 • Jul 2018/

Verbo + sujeito	01 / 1%	01 / 3%	07 / 3%	03 / 5%
Outros (sujeito não preenchido)	94 / 51%	–	199 / 66%	–
TOTAL	186 / 100%	38 / 100%	300 / 100%	60 / 100%

Extraída de: Própria autoras

A tabela acima nos mostra, explicitamente, que o fator linguístico posição do sujeito é um grande condicionar para a marcação da concordância verbal. O sujeito ele pode ser anteposto (antes) ou posposto (depois) ao verbo. Nos dados coletados, percebemos que a marcação da concordância verbal é predominante nos dois anos escolares quando não preenchimento do sujeito (51% das ocorrências no sexto ano e 66% das ocorrências no primeiro colegial).

Analisando a ausência de marcação de CV, percebemos que ocorreu com sentenças em que o sujeito estava posposto ao verbo (97% das ocorrências no sexto ano e 66% das ocorrências no primeiro colegial). Nossa hipótese era que com o sujeito não preenchido, os alunos não marcassem a CV. Entretanto, não houve casos de ausência de concordância nas sentenças em que o sujeito não estava preenchido.

Observamos, agora, o último fator linguístico analisado:

Tabela 7 – Concordância verbal vs. Grau de saliência fônica

Leitura Vertical da Tabela	6º Ano do EF II		1º Ano do EM	
	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal	Presença de Concordância Verbal	Ausência de Concordância Verbal
Saliência Fônica	Nº ocorrências / %			
Tipo A: (maior saliência fônica)	50 / 27%	08 / 21%	69 / 23%	14 / 23%
Tipo B (menor saliência fônica)	136 / 73%	30 / 79%	231 / 77%	46 / 77%
TOTAL	186 / 100%	38 / 100%	300 / 100%	60 / 100%

Extraída de: Própria autoras

Muitas pesquisas apontam que quanto maior o grau de saliência fônica, maior será a marcação da concordância verbal. Como fica evidente na Tabela 7, verificamos a presença do fenômeno da concordância verbal. Dentre os dois graus de saliência fônica, o tipo B (menor saliência) sendo o menor, é que predomina para as duas escolaridades (73% das ocorrências para o sexto ano e 77% das ocorrências para o primeiro colegial). O mesmo acontece com a ausência da concordância verbal, pois é o tipo B que predomina (79% das ocorrências para o sexto ano e 77% das ocorrências para o primeiro colegial).

Ressaltamos que houve algumas ocorrências em que os alunos não concordam o sujeito ao verbo quando há maior saliência fônica, os exemplos a seguir ilustram a interferência deste fator na CV:

(14) vou te mostrar tanto que **as arvorés** é bonita [I25, M, 11, E.F.II]

(15) Sei que **elas vai adorar** [I35, F, 17, E.M.]

Em (14), o verbo “ser” aparece conjugado na forma singular, o que difere bastante no que diz respeito à saliência fônica de sua forma plural, e o aluno, neste caso, não concordou o verbo com sujeito da oração o qual está pluralizado, assim, o aluno deveria conjugar o verbo da seguinte maneira: “as árvores são”, o que acaba contradizendo a ideia de que quanto maior o grau de saliência fônica mais haverá a marcação de plural no verbo. Em (15), observamos o mesmo acontecimento em que o verbo ir, não concorda com o sujeito “elas”; pois o aluno deveria conjuga-lo de forma pluralizada, ou seja, “vão”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos verificar ao longo deste artigo, na escola de Santa Juliana, MG, há a predominância da visão normativista, que trata a língua sob uma perspectiva homogênea, pouco mencionando as variações linguísticas e as possíveis variações de CV (percebemos explicitamente essa visão quando se trata deste fenômeno no LD). Mesmo depois de vários estudos a respeito da língua mostrando-a que é um sistema heterogêneo, e sabendo que a concordância verbal é um fenômeno que apesar de não mudar semanticamente uma oração, infelizmente, ainda, nos dias dia hoje este fenômeno é muito estigmatizado e marcado como uma construção equivocada de classes sociais mais baixas.

Além disso, pudemos perceber que, a marca do modo de falar presente na escrita dos alunos, como, por exemplo, o uso da forma “a gente” conjugada no plural (“a gente vamos jogar”) ou a forma “nós” conjugado no singular (“nós vai divertir”).

Dessa forma, é pertinente dar continuidade a esta pesquisa, principalmente, em relação às atividades que são trabalhadas com esses alunos e assim, pensar em uma sequência ou maneira de levar estes alunos a refletir sobre a variação linguística. Acreditamos, por fim, que tais discussões são necessárias, uma vez que fornecerão suportes teóricos ao futuro licenciando (e aos professores de Língua Portuguesa), auxiliando-o a compreender com mais exatidão como se dá o emprego da CV na língua portuguesa e como abordá-la no ambiente escolar sem ocasionar preconceitos linguísticos.

Referências

- AGOSTINHO, S. R. N.; COELHO, I. L. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.) **Pedagogia da variação linguística**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial: 2015. p. 79-121.
- AMARAL, E.; FERREIRA, M; LEITE. R. (orgs). **Novas palavras**. 1º ano. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2013.



- AMARAL, E.; FERREIRA, M; LEITE. R. (orgs). **Novas palavras**. 2º ano. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2013.
- AMARAL, E.; FERREIRA, M; LEITE. R. (orgs). **Novas palavras**. 3º ano. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Projeto Teláris: Português**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- GUY, G. R. Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history. Philadelphia, University of Pennsylvania. 391p. Ph.D. Dissertation, mimeo. 1981.
- GUY, G. R. e ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumento de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro. 1977. 151p
- LIMA, F. W. **A variação da concordância verbal em textos escolares escritos**. Alfa, São Paulo, v. 45, p. 97-113, 2001.
- LIMA, S. J. B.; ALVES, M. L. **“Por uma vida melhor”: abordagem da variação linguística no livro didático de português**. 2012 Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Comunicacao_73.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2017.
- MOLLICA, C. M. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, C. M., BRAGA, L. M. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. - 4 ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2005.
- MONGUILHOTT, I. O. S. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos. Florianópolis, 2001. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- MOTTA, F. M. O fenômeno variável da concordância verbal em redações da EJA: uma abordagem sociolinguística. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 2011. Dissertação de Mestrado.
- NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. Language. LSA, 57(1):63-98, 1981.
- NARO, A.J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et alii (eds.) **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago, Chicago Linguistic Society. p.221-241. 1976.



PAIVA, M. C. A variável gênero e sexo. In: MOLLICA, C. M., BRAGA, L. M. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. - 4 ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)** - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37- 49. 1994.

_____. A concordância de número na escrita padrão. SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. (1992). The serial effect on internal and external variables. **Language Variation and Change**. Cambridge University Press. 4(1):1-13. 1995.

_____. Reanálise da concordância nominal em português. UFRJ, Rio de Janeiro. 554p. Tese de Doutorado, inédito. 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998. In: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>>. Acesso em 12 de dez. 2016.

SILVA, V. E. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 31-41, 2008.

TEODORO, M. A. ; BARBOSA, J. B. **O uso das formas “nós” e “a gente” em textos escolares**. Relatório Final de IC, julho de 2015.

Recebido Para Publicação em 26 de junho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de julho de 2018.